



IFRN, presente!



Final do ano, o IFRN celebra os seus maiores presentes: as trajetórias de vida dos seus estudantes. ■ **PÁGINA 03**

IFRN soma esforços para promover a permanência e o êxito de estudantes durante a pandemia de Covid-19



Everton Vinicius Lima da Silva, do *Campus Canguaretama*, foi atendido pelo Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais. ■ **PÁGINA 16**

Ciência na palma da mão



Projeto do *Campus Natal-Zona Norte* cria minilaboratório de Química em aplicativo para smartphone. ■ **PÁGINA 14**

Campanha BoAção



Servidores do *Campus Natal-Cidade Alta* doam alimentos a famílias em situação de vulnerabilidade e que moram em bairros do seu entorno. ■ **PÁGINA 15**

Cultura



Cultura: poesia, crônica e resenha. ■ **PÁGINA 18**

EXPEDIENTE

Responsável pelo Jornal.IFRN — Assessoria de Comunicação Social e Eventos (Asce)

EQUIPE:

Clara Bezerra – Assessora de Comunicação Social e Eventos
Cleyton Fernandes – Coordenador do Núcleo de Jornalismo
Romana Alves e Neiryvan Maciel - jornalistas
Jorge Henrique – diagramador
Nivaldo Fonseca – programador visual e coordenador do Núcleo de Design
Eduardo Fernandes, Max Praxedes, Izaura Brito, Alessandro Nóbrega e Hugo Manso – colaboradores
Zé Félix – estagiário de design
Luciano Vagno, Diego Alves, Isabelly Queiroz e Maria Clara Pimentel – estagiários de jornalismo

GESTÃO:

José Arnóbio – Reitor
Dante Moura – Pró-Reitor de Ensino
Denise Momo – Pró-Reitora de Extensão
Avelino Neto – Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Antonia Silva – Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
Juscelino Cardoso – Pró-Reitor de Administração
Valéria Regina – Diretora de Gestão de Atividades Estudantis
Auridan Dantas – Diretor de Gestão de Pessoas
André Gustavo – Diretor de Gestão de Tecnologia da Informação

Olá!

Chegamos ao final de 2021 e lançamos esta edição do Jornal IFRN com o objetivo de celebrar os nossos maiores presentes: as trajetórias de vida dos estudantes que ingressam no Instituto. Conhecer um pouco mais sobre a história de cada uma e de cada um, o que precedeu a entrada na Instituição e os desejos que mobilizam a continuidade de suas vidas, é o que leva servidoras e servidores a seguirem desenvolvendo o trabalho pela educação pública, gratuita e de qualidade.

Dessa forma, as atividades de ensino, pesquisa e extensão do IFRN são exercidas com o objetivo de reconhecer e promover cada um dos mais de 40 mil estudantes de todo o estado do Rio Grande do Norte. Mesmo com os desafios impostos com a pandemia de Covid-19 e a realidade econômica do Brasil, o Instituto trabalha

para que eles tenham o ambiente propício para descobrir o lugar onde os seus corações vibram e, através desses espaços, realizar os seus potenciais.

No IFRN, com 22 *campi* e 138 cursos, as possibilidades abertas são múltiplas. Cada estudante traz uma história singular e traça uma trajetória única: seja como técnico, engenheiro, docente, pesquisador, empreendedor, artista ou o que ela ou ele descobrir e criar para si. Com isso, o RN ganha não só profissionais, mas cidadãos e cidadãos implicados com suas funções na sociedade. Convidamos você a ler as histórias trazidas nas próximas páginas da forma como elas foram traçadas: com afeto para celebrar a vida e o coração de estudante!

Núcleo de Jornalismo
Assessoria de Comunicação Social e Eventos do IFRN

Que 2022 seja um ano com mais leveza, solidariedade, oportunidades e confiança nas realizações. Que a vida prepondere e que servidoras, servidores e estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Norte sigam atuantes na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade!



**Feliz Natal e
Feliz Ano Novo!**

José Arnóbio
Reitor do IFRN



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Família, sonhos e Ensino a Distância

A estudante Gabriela encontrou na EaD a forma de realizar seu sonho de retribuir o cuidado e o carinho de seus pais

Por **Luciano Vagno**

Estagiário de Jornalismo na Reitoria do IFRN



Gabriela é estudante do curso superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, na modalidade EaD, desde 2020

Morar em uma cidade, trabalhar em outra. Essa é a realidade vivida por inúmeras pessoas Brasil afora. Em meio às correrias da vida, uma necessidade grita e se faz ouvir: estudar. Assim é a história de Gabriela, de 28 anos, que encontrou, na modalidade Ensino a Distância (EaD), o tempo e a maneira de continuar sua vida acadêmica.

Gabriela Romana Souza é natural de Caicó, na região Seridó do estado. A jovem, formada em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), está no quarto período do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

Gabi, como é chamada carinhosamente pela família e amigos, é auxiliar de serviços gerais (ASG) em uma escola municipal da cidade de Acari. Em razão da distância entre a casa de seus pais e seu local de trabalho – cerca de 50 quilômetros –, a estudante vive de segunda a sexta em Acari, voltando a Caicó nos finais de semana, onde aproveita para revisar os conteúdos do curso.

A infância simples no sítio da família fez com que Gabriela focasse em seu futuro desde cedo, e a mãe da jovem tem grande parcela nisso. “Minha mãe sempre foi muito realista comigo e com meu irmão. Sempre que pedíamos alguma coisa, ela explicava que não podia dar, e talvez seja por isso que nós conseguimos ser tão focados no futuro, pensando em nossos pais”, contou a jovem, que relembra um ditado popular dito pela mãe: “a única herança que ela podia deixar pra gente e que ninguém podia tomar de nós era os estudos”.

Inevitavelmente, as declarações de Gabriela levam ao mesmo lugar: sua família. Filha de agricultores, ela revela ter feito renúncias por eles, no entanto, não se arrepende de nenhuma. “Eles trabalharam muito, a vida inteira”, conta. O pai da estudante é portador de Alzheimer, doença neurodegenerativa que provoca deterioração das funções cognitivas. Essa é a prioridade da jovem, que nunca abandonou seus sonhos: “eu quero ser uma boa profissional e tenho em mente que tudo depende do meu esforço. Claro que tem dias que a gente desanima, mas, no final, a gente olha pra trás e vê que valeu cada esforço. Meu sonho é ter uma vida tranquila, com meus pais, com tudo que eles merecem”.

Gabriela sempre teve gosto pela área ambiental. Em 2020, veio a aprovação no Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, na modalidade EaD, pelo *Campus* Natal-Zona Leste, com polo em Parelhas. A notícia foi recebida com alegria pela estudante, que deixa claro que não estuda por obrigação, mas por vontade de aprender: “vontade em aprender coisas novas; assuntos que, até então, eu não conhecia e estou tendo a oportunidade de conhecer”.

O Ensino a Distância possibilita à jovem organizar seu tempo, afinal, como diz, sempre surgem imprevistos, porém ela não precisa se preocupar. “A carga fica mais leve, tendo em vista que a ‘pressão’ é menor. Sem falar que não preciso me deslocar até o *Campus*”, finalizou Gabriela, que ainda realiza uma especialização em Gestão Pública Municipal, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), também através da EaD.

ENSINO A DISTÂNCIA NO IFRN

Como explica o diretor-geral do *Campus* Avançado Natal Zona-Leste, professor José Roberto Oliveira dos Santos, na modalidade EaD, o processo de ensino-aprendizagem ocorre por meio do uso da tecnologia da informação e da comunicação, utilizando equipamentos e instrumentos tecnológicos e digitais, com materiais específicos para essa modalidade.

Com a adesão do ensino remoto nas escolas de todo o Brasil em razão do novo coronavírus, professores e estudantes tiveram de adaptar-se à EaD. José Roberto esclarece que o pensamento de que o Ensino a Distância é buscado

somente por quem “não possui tempo” é errôneo. O professor explica que é justamente o contrário: “quem faz o seu horário de estudo é o estudante. Isso requer autonomia do aluno para se organizar enquanto ao tempo para a execução das atividades a serem desenvolvidas”.

A tecnologia tem avançado e encurtado a distância entre o ensino e os estudantes. Ambientes virtuais, plataformas de reuniões e até mesmo as redes sociais têm colaborado para a formação de diversas Gabrielas espalhadas pelo país. Embora a experiência não seja a mesma do ensino presencial,

hoje, a interação entre professores e alunos é cada vez maior. “Quanto mais interação houver no ambiente virtual de aprendizagem entre estudante e docente, certamente a qualidade do ensino tende a ser melhor”, concluiu o professor José Roberto. ■

“A única herança que ela podia deixar pra gente e que ninguém podia tomar de nós era os estudos.”

Ensino de Jovens e Adultos: a recompensa da educação

Conheça a história de Maria Selma, ex-estudante da primeira turma EJA, que se formou junto à filha

Por **Isabelly Queiroz**

Estagiária de Jornalismo na Reitoria do IFRN



Maria Selma Maia Feitosa
Ex-estudante da Educação de Jovens e Adultos

No sertão do Rio Grande do Norte, em 2009 - quando o *Campus* Pau dos Ferros foi inaugurado para integrar a II Fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional -, começa a história de Maria Selma Maia Feitosa com o IFRN.

Maria Selma era mais uma dona de casa, com 36 anos e quatro filhos, quando Antônia Francimar da Silva, diretora geral do *Campus* à época, chamou-a para trabalhar no IFRN. “Eu comecei trabalhando como auxiliar de serviços gerais (ASG), antes mesmo das aulas do Instituto começarem. Esse foi o meu primeiro emprego da vida”, relembra Selma.

Sabendo que o IFRN tem como objetivo “educar no âmbito científico, técnico e humanístico, visando à formação integral do profissional-cidadão crítico-reflexivo, competente técnica e eticamente para atuar no mundo do trabalho a partir de um compromisso efetivo com as transformações sociais, políticas e culturais”, a diretora-geral, em momento que as aulas já se estabeleciam naquela unidade da Instituição, incentivou a funcionária terceirizada a fazer a prova para a primeira turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (ProEJA) do *Campus*.

Selma recorda que a diretora a encorajou bastante a fazer a prova, pois daria para ela trabalhar em um período do dia e estudar à noite. “Ela queria muito que eu concluísse o ensino médio, pois até então, eu possuía apenas o ensino fundamental, nunca imaginei que conseguiria, com quatro filhos e o mais novo apenas com dois aninhos naquele período”, explicou. Para ela, o IFRN era um sonho que desejava apenas para seus filhos, mas resolveu fazer a prova e foi surpreendida: “fiz a prova de seleção, na qual passei em segundo lugar. Apesar de não haver muita concorrência, pois era o primeiro ano do *Campus* na cidade. Vibrei pela conquista”.

ESTUDANTE EJA: UM SONHO DE FORMAÇÃO DUPLA NO IFRN

Já como estudante do IFRN, Selma teve uma felicidade dupla, pois sua filha mais velha, Beliza Larisse Maia Feitosa, também foi aprovada na Instituição. As duas passaram para o Curso Técnico de Alimentos, ainda em Pau dos Ferros. Beliza na modalidade Integrado e Selma na modalidade EJA. Selma relembra que no início foi muito desafiador, pois precisava conciliar os estudos com sua trajetória de trabalhar fora, ser dona de casa e mãe de quatro filhos, mas contou com total apoio da sua filha para seguir. “Muitos dos professores eram os mesmos para nós duas. Beliza me ajudava na maior parte dos trabalhos. Era difícil trabalhar o dia todo e estudar à noite, mas quando tinha uma prova ou trabalho ela me ajudava e eu tentava estudar entre arrumar uma sala e outra”, recorda, com alegria.

Ao fim da trajetória de estudos no IFRN, chegou um momento tão esperado, Selma e sua filha se formaram juntas, no mesmo dia. A ex-estudante EJA conta que a emoção foi tanta que nem consegue expressar tamanha felicidade: “foi tão lindo, lembro desse momento até hoje, oito anos depois e ainda tenho vontade de chorar quando me recordo, era a primeira formatura do *Campus*, Integrado e EJA. Amélia Cristina Reis, que era diretora acadêmica e uma das pessoas que me incentivou nesse processo, chorava em seu discurso. Não se continha de tanta emoção, falou da nossa história, nunca vou esquecer... Ave, Maria, o IFRN é tudo para mim!”.

Selma lembra que inúmeras vezes pensou em desistir do seu processo de ensino e aprendizagem, mas que valeu muito a pena seguir. “Foi muito recompensador. A gente sempre tem algo a aprender e nunca é tarde para isso. Muitas vezes pensei em desistir, eu sempre dizia a Amélia que se minha filha se formasse em meu lugar eu já me sentiria realizada. Mas ela sempre me apoiava a continuar e não desistir e dizia que eu e minha filha deveríamos nos formar juntas e assim aconteceu, graças a Deus”, recorda a ex-estudante.

A RECOMPENSA

Foi muito gratificante ver meus filhos estudando no IFRN, por saber do ensino de qualidade da Instituição. Não tenho como expressar o sentimento de dever cumprido após os quatro anos de curso.

“Muita gratidão a Deus por tudo, a minha família, a Antônia e Amélia pois eles sabem o quanto foi desafiador tanto para mim quanto para minha filha”. No mesmo ano da formação de mãe e filha no curso, Selma teve mais uma conquista, sua filha Beliza, que tanto a apoiou em sua caminhada educacional na Instituição, foi aprovada no primeiro seu Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no curso de Medicina. “Foi muito gratificante ver meus filhos estudando no IFRN, por saber do ensino de qualidade da Instituição. Não tenho como expressar o sentimento de dever cumprido após os quatro anos de curso. E ainda vê-la passando no primeiro Enem, no curso que ela tanto almejava” conta Selma com emoção.

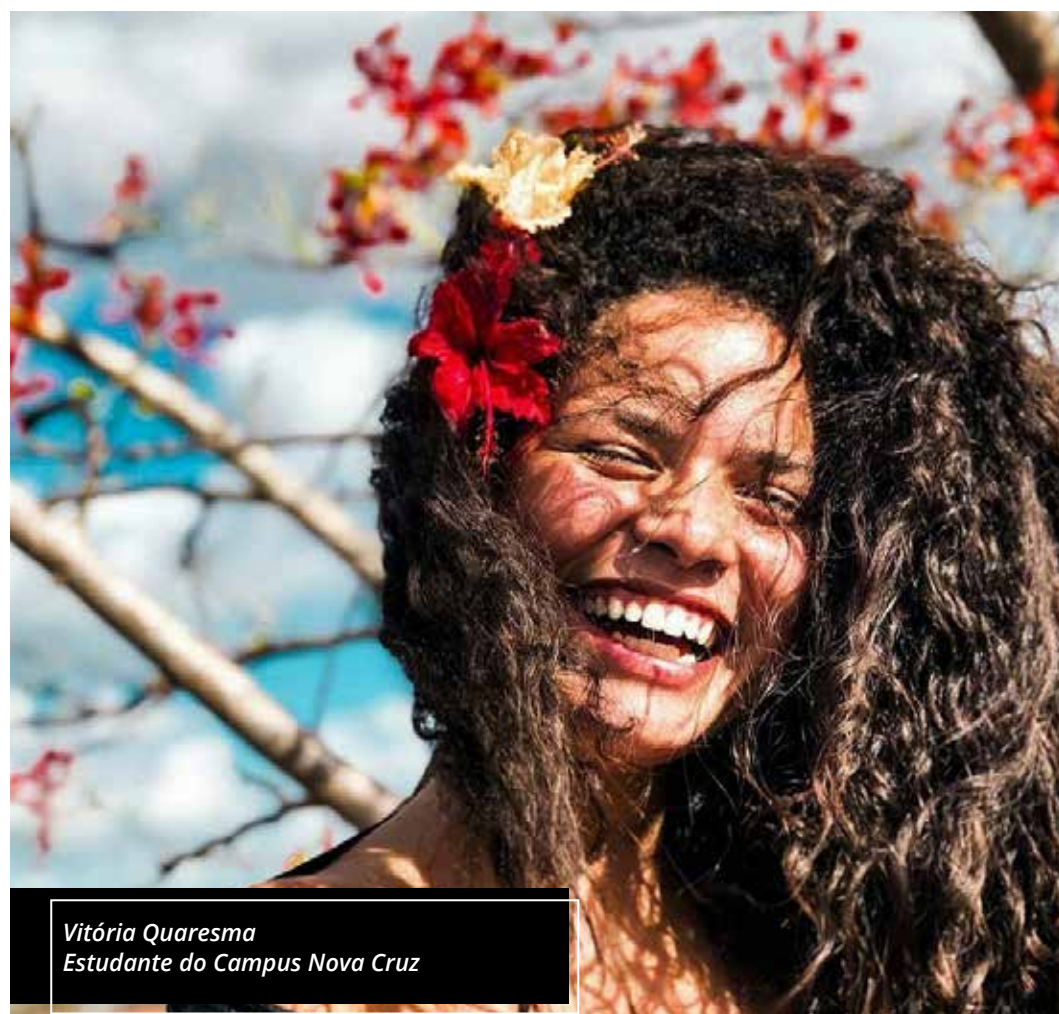
Para aqueles que sonham em voltar a estudar mesmo em meio aos desafios da vida adulta, Selma deixa seu recado: “vale muito a pena voltar a estudar, nunca é tarde para correr atrás dos nossos sonhos. Acredito que é com a educação que transformamos as pessoas, e com dedicação e empenho pode-se alcançar todos os nossos objetivos”.

Poesia para dar, vender e florescer

Aluna Vitória Quaresma, do *Campus Nova Cruz*, constrói sua vida através de poemas

Por **Diego Alves**

Estagiário de Jornalismo no *Campus Nova Cruz*



Vitória Quaresma
Estudante do *Campus Nova Cruz*

O livro “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, é uma clássica obra literária brasileira que conta a história de uma família que deixa o Nordeste para fugir da escassez de água. Vitória Quaresma, de 17 anos, nasceu em São Paulo, mas, aos 5 anos de idade, fez o movimento inverso e se mudou com os pais para a origem familiar nordestina, no Sítio Pedra Tapada, na cidade de Nova Cruz, a mais de 96 quilômetros da capital potiguar. Pouco tempo depois, ela passou a estudar na comunidade vizinha, Lagoa Seca. Apesar da similaridade dos nomes “Vidas Secas” e “Lagoa Seca”, o intuito de citar as duas histórias no início da matéria não tem nada a ver com o movimento retirante, mas, sim, com a poesia; o retorno de Vitória às suas raízes é sobre, metaforicamente, florescer.

Já em terras potiguares, a menina teve o primeiro contato com os poemas ainda no ensino básico e se apaixonou de imediato pela musicalidade das palavras. “Acredito que meu primeiro envolvimento tenha sido com a literatura de cordel, pois me recordo de, mesmo sendo criança, assimilar as mensagens devido à linguagem mais regional”, recordou. Dos ouvidos para o coração, a poesia ocupou um espaço que não a permitia mais ser apenas uma contempladora. Vitória, então, começou a construir os primeiros versos, que viriam a se tornar mini livros. “Eu pegava folhas de ofício, dobrava no meio e escrevia minhas rimas”.

Entre mudança de escola e metodologias de ensino, a paixão ficou adormecida por anos, durante o ensino fundamental, e a rima de palavras já não era mais um foco. Após concluir o 9º ano e ser aprovada no Exame de Seleção do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), o ingresso no curso técnico Integrado de Química, no *Campus Nova Cruz*, poderia parecer o esquecimento do espírito artístico, porém, foi nesse momento, mais especificamente em um projeto interdisciplinar, que a até então aspirante à poetisa teve o reencontro com a arte. “Eu não sei explicar o que aconteceu, mas, com a rotina e cobranças, eu acabei deixando a poesia de lado por um tempo, porém tudo mudou quando entrei no IF”, enfatizou.

O IFRN conta com vários eventos e espaços artísticos/culturais, como a Semana de Artes, Desporto e Cultura (Sema-dec), o Laboratório de Artes e os Festivais de Teatro. Dentre tantas iniciativas, a atividade interdisciplinar “Vidas Secas”, que contava com as disciplinas de Artes, Geografia e Língua Portuguesa, sob a orientação dos respectivos professores: Jacicleide Bezerra, Jordana Costa e Willame Sales, tinha como objetivo incentivar a leitura da obra de Graciliano Ramos e, a partir disso, gerar discussões e interpretações sobre o tema, por meio de diferentes expressões artísticas. O momento foi como chuva sobre a terra seca para a vida artística de Vitória. “Os alunos liam as obras e externavam compreensões sobre elas. Havia grupos com abordagens diferentes, dentre elas, o sarau poético, no qual Vitória se inscreveu. Ela brilha não só na arte, mas em tudo que se propõe a fazer. Uma aluna que se destaca. Ela tem aproveitado muito bem a oportunidade que é estar no IF”, afirmou Willame Sales, professor de Português.

POESIA PARA DAR E VENDER

Tanto na infância, quanto atualmente, Vitória conta com o apoio das pessoas de seu núcleo familiar, com destaque para sua mãe, Priscila Lima, que sempre a apoiou e opinou em seu processo criativo. “Eu acho que a trajetória artística de Vitória está em evolução. Ela está se descobrindo e mostrando cada vez mais potencial, e o método de ensino do IF tem ajudado nisso”, afirmou. O resultado da gratidão pelo apoio e incentivo é convertido em literatura pela filha, como pode se perceber no trecho do poema **“Vem de dentro de você”**, feito por Vitória e inspirado na própria mãe:

Eu não sei explicar o que aconteceu, mas, com a rotina e cobranças, acabei deixando a poesia de lado por um tempo. Porém, tudo mudou quando entrei no IF.

*“Vem a água pra terra seca
Que faz brotar um jardim,
Onde a semente do amor
Por você foi plantada.”*

Com a pandemia do novo coronavírus e a necessidade de isolamento social e ensino remoto, os sentimentos se afluaram. Vitória intensificou o processo criativo e fez das poesias um desabafo. Inicialmente, a ideia era apenas expor as reflexões, porém, entre a necessidade de se expressar e o desejo de trabalhar com isso, floresceu na estudante a ideia de comercializar as rimas. A partir daí, ela passou a ser uma poetisa empreendedora. “Eu comecei a seguir perfis no Instagram voltados para o empreendedorismo e comecei a estudar sobre criação de produtos. Até que eu vi que era possível trabalhar com poesia”, disse. Atualmente, ela trabalha produzindo poesias

personalizadas e fotos polaroides com poemas, fazendo toda a divulgação pelas redes sociais.

POESIA PARA FLORESCER

No livro “A arte poética de Diógenes da Cunha Lima”, do consagrado escritor nova-cruzense cujo nome é mencionado no título da obra, existe um capítulo chamado “Flores que encantam o Brasil”. Entre as poesias, uma se refere à **“Xanana”**, flor símbolo natalense/potiguar que não se adapta a lugares frios e chuvosos e está presente em vários canteiros, inclusive ao redor dos muros do *Campus Nova Cruz* do IFRN.

*“Esta flor sempre se irmana
No imã de Natal manhã
Louvada seja Xanana!”*

Outra poesia, intitulada **“Há no mundo quem garanta”**, diz:

*“Há no mundo quem garanta:
A flor é ato de amor
do coração de uma planta.”*

Assim como Diógenes, que também viveu em Nova Cruz e trilhou os caminhos da escrita até alcançar a notoriedade e relevância atual, aos poucos, o amor que Vitória coloca em cada palavra tem floreado sua vida e aberto inúmeras portas. Com público e clientes crescentes, ela tem conquistado a atenção de empresas que enxergam a importância de humanizar a comunicação com as pessoas. Recentemente,

produziu poemas para campanhas de cafeterias, supermercados e produtos regionais, escrevendo e também se colocando à frente das câmeras para declamar os versos. Ao que tudo indica, isso é apenas o começo das muitas futuras primaveras poéticas. “Tenho muitos sonhos. Desejo abrir minha empresa, criar novos produtos, fazer um site, publicar um livro e me envolver em projetos culturais coletivos”, afirmou a escritora.

*“O que exatamente sou não sei,
Sei somente o que eu era,
Mas, o que sou, amanhã já não serei.
Talvez me torne outono
Ou finalmente primavera”.*

(Vitória Quaresma)

Educação que transforma e emancipa

Apesar das dificuldades, Cassius foi envolvido por uma educação de qualidade e segue trabalhando para mudar de vida

Por **Maria Clara Pimentel**

Estagiária de Jornalismo na Reitoria do IFRN



Cassius em evento da prefeitura de São Gonçalo do Amarante como representante dos estudantes

“Educação para mim é um modo de transformação de vida; foi através da educação que eu consegui mudar de vida, entender onde eu quero chegar e de onde eu vim”. Esse é Cassius Clay, técnico e estudante da graduação de Redes de Computadores do *Campus* São Gonçalo do Amarante.

O jovem de 23 anos faz parte do IFRN desde 2015, quando entrou para o Curso Técnico Subsequente de mesmo nome da graduação. Já participou voluntariamente de projetos de pesquisa, chegando a idealizar o seu próprio; participou do Programa Mulheres Mil, dando aulas de informática a um público economicamente vulnerável; participou de duas gestões do Grêmio Estudantil Sérvulo Teixeira (GEST), na Coordenação de Assuntos Estudantis, e chegou a criar o Centro Acadêmico do Curso de Redes de Computadores, do qual é presidente até hoje.

Quem vê esse currículo tão longo e bonito, recheado de experiências realmente edificantes, surpreende-se com a forma como Cassius alcançou todas essas proezas. Nem sempre foi fácil para ele, isso é certo: “mesmo com inúmeras dificuldades financeiras, tendo que trabalhar em dois empregos para poder manter o lar, e ainda assim continuar no IF, atrasar uma disciplina ou outra por essas situações... Mas foi por ter permanecido na dificuldade que consegui chegar onde estou hoje”.

Sim, com seus pais morando em outro estado e o jovem tendo que cuidar sozinho da irmã mais nova, além de manter a casa e estudar, ele se desdobrava em dois ofícios: “eu tinha um emprego fixo, mas também tinha outro trabalho que não era carteira assinada e era no período da noite; então eu trabalhava de manhã e um pedaço da tarde, corria para o IFRN para assistir aula de algumas matérias que eu ainda tinha me asegurado e, no período da noite, em alguns dias da semana, eu ia para esse emprego noturno”.

Se desvincular do *Campus* São Gonçalo simplesmente não era uma opção para Cassius. Para ele, o IFRN na forma presencial era o mesmo que seu lar: “colegas de classe, professores, servidores, terceirizados se tornam uma ramificação da nossa família, que é lá onde a gente se encontrava no período da normalidade”. Foi através também do ambiente do IFRN que a educação se tornou transformadora no sentido de entender a comunidade e o contexto em que o são-gonçalense vive: “eu pude realmente enxergar a sociedade como um todo, porque antes eu vivia na minha bolha, não tinha noção do que a sociedade realmente precisava”.

Outra forma igualmente importante para o desenvolvimento de Cassius dentro da Instituição foi a oportunidade de aprender habilidades e competências que ele irá levar pelo resto da vida e o ponto de partida para uma nova história: “foi depois que eu

entrei no IFRN e eu aprendi no curso técnico a forma de trabalhar com rede de computadores, com informática, que eu pude ascender economicamente, arrumar meu primeiro emprego; a partir daí eu fui realmente mudando de vida, porque até então eu não tinha perspectiva, nem na minha carreira profissional e até de um modo geral”.

Felizmente, isso são águas passadas, porque podemos estar vislumbrando um potencial futuro docente. E que Instituição seria melhor do que a casa que o formou? “Daqui a cinco anos, espero continuar colhendo bons frutos do que o IF me proporcionou, seja de conhecimento técnico, humano, um networking formidável que o IFRN gera para os estudantes e, quem sabe, preenchendo uma vaga de professor e compondo esse time de grandes mestres que propagam o saber”. De braços abertos o IFRN estará, com certeza.

“Educação para mim é um modo de transformação de vida; foi através da educação que eu consegui mudar de vida, entender onde eu quero chegar e de onde eu vim.”

Música, flor que persiste no chão do Seridó

Estudante da primeira turma de Sanfona do Campus Jucurutu, Ícaro Fernandes vive arte a partir do sertão

Por **Isabelly Queiroz**

Estagiário de Jornalismo na Reitoria do IFRN

O *Campus* Avançado Jucurutu do Instituto Federal do Rio Grande do Norte ainda está sendo construído. Suas atividades acadêmicas e administrativas, no entanto, não esperaram a inauguração do prédio. Atualmente alocado em uma escola cedida pelo município, em 16 de junho de 2021 a unidade deu início aos primeiros cursos de Formação Inicial e Continuada, voltados à Música. O eixo temático do *Campus* foi definido em audiências públicas realizadas na Câmara Municipal da cidade.

Ícaro Fernandes, 22, nascido em Caicó, é músico desde os 13 anos de idade, quando começou a cantar e tocar violão. O jovem diz ter a música como a sua maior paixão: “está em minhas raízes o amor pela arte e pela musicalidade”, comentou. Filho do Seridó, Ícaro carrega do berço seu amor pela arte e, com sua família, faz parte do grupo de cultura popular Versos e Prosas, em sua cidade. “A gente trabalha com mamulengo, com música e poesia”, disse.



Ícaro Fernandes
Estudante FIC

REENCONTRO

“Meu contato com a musicalidade vem de muito tempo. Saber do curso de sanfona ofertado pelo IFRN renovou meu interesse pelo Instituto, que está na minha vida desde quando fui aluno do Curso Técnico Integrado em Eletrotécnica no *Campus* Caicó, lá em 2014”. O músico seridoense teve contato com o edital do Curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Sanfona através de sua mãe, que sempre está atenta aos grupos de cultura e produções culturais no WhatsApp “Quando minha mãe me repassou o Edital pela rede social, sabia que estava havendo a construção desse novo *campus* na cidade de Jucurutu e agora em 2021, com o início das aulas, o interesse para participar do curso aumentou. Como já fui estudante do IFRN, sei que a Instituição tem ótimos professores e ensino de qualidade”, explicou.

MÚSICA: AMOR QUE CORRE NO SANGUE

“Na música, em geral, minhas influências vêm muito dos meus pais. Aqui em casa desde sempre temos o costume de fazer tudo ouvindo música, então cresci ouvindo muita MPB, muito forró pé de serra e hoje me inspiro bastante nos seus intérpretes, principalmente Chico César, Caetano Veloso, Renata Rosa e Alceu Valença”. Com o amor pela música correndo em seu sangue, Ícaro já sonhava em tocar sanfona quando ainda era aluno do curso de Eletrotécnica. Em 2016 teve sua primeira tentativa de aprendizado com o instrumento, mas não continuou: “Fiz pelo menos uns dois meses, mas precisei abandonar, pois já estava chegando nos anos finais no curso Integrado, tendo uma carga de trabalho muito grande, então tive que optar por um dos dois naquele momento. A sanfona necessita de uma dedicação exclusiva para ser aprendida, então quando eu vi que surgiu o curso pensei que essa era a oportunidade que eu precisava para aprender”, lembrou.

Atualmente, como estudante de Sanfona pelo IFRN, Ícaro tem como sua maior influência o amigo e compadre Lucas Silva que atualmente é o sanfoneiro e vocalista do Grupo Regional Ser Tão Matuto. “Como sempre em família, também faço desse grupo de música regional como zabumbeiro e vocalista junto ao meu pai (pandeiro e vocal), minha mãe (declamadora) e Agnes Félix (triângulo e vocal) que é a esposa de Lucas e minha comadre”.

UMA OPORTUNIDADE DE MUSICALIDADE NO SERIDÓ

Para o estudante, a música é flor do Seridó e ter um curso federal na região é um caminho para oportunidades. “A região do Seridó é uma região muito ligada à música. É muito comum cidades dessa região ter as filarmônicas, ter os conjuntos musicais. Então não só o curso FIC, mas como os outros cursos que são destinados à área musical que serão oferecidos no IFRN terão extrema importância, porque não tínhamos uma instituição renomada com essa oferta por aqui. Aprendíamos música, mas não tínhamos uma capacitação”, esclareceu.

Ícaro se diz encantado com as primeiras aulas de sanfona e não poupa elogios ao falar da sua professora: “Acredito que esse curso FIC será um prelúdio para algo maior que está por vir; as aulas que participei até agora estão sendo ótimas, estou evoluindo bastante na

sanfona, muito mais rápido e melhor do que na época que eu havia feito o outro curso. A professora Carol Benigno é excelente, compreensiva, didática, tem um jeito de ensinar que nos ajuda imensamente a progredir com facilidade em um instrumento tão desafiador como a sanfona. Quando terminar o curso, já quero estar tocando algumas músicas e realmente passar a ter o domínio sobre a sanfona para continuar estudando”, finalizou. ■

Acredito que esse curso FIC será um prelúdio para algo maior que está por vir.

Sair do ninho e voar por conta própria

A estudante Rhyanne está concluindo o Curso Técnico em Estradas, na modalidade Subsequente: uma caminhada que envolve luta, apoio do IFRN e superação

Por **Luciano Vagno**

Estagiário de Jornalismo na Reitoria do IFRN

“Em um mundo onde cada vez mais as pessoas vão se tornando apenas números e estatísticas, é bom saber que existem pessoas que se importam de verdade com as outras”. Esse é o desabafo de Rhyanne Ross dos Santos Farias. Enquanto cursava o Curso Superior de Tecnologia em Construção de Edifícios, pelo *Campus* Natal-Central do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), a jovem enfrentou um momento difícil em sua vida: a luta de sua mãe contra um câncer. Foi nesse momento, porém, que a estudante percebeu o “lado humano” do IFRN.

suportes com o qual Rhyanne pôde contar foi o do IFRN, através dos docentes, que “se mostraram muito compreensivos e abertos a alternativas para a entrega de trabalhos e aplicação das provas”, e por meio do companheirismo de seus colegas de turma.

“Nisso tudo, eu fui vendo um grande diferencial na Instituição. Ela não descarta o aluno que não está podendo acompanhar; muito pelo contrário, ela tenta salvar aquele aluno a todo custo. E foi assim que, muitas vezes, eu me senti: salva por essa parte humana do IFRN”, revelou Rhyanne.



Rhyanne em sua formatura do curso superior de Tecnologia em Construções de Edifícios, em 2018

Rhyanne é moradora do bairro Potengi, na Zona Norte da capital potiguar, e, há dez anos, é estudante do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. Sua relação com o IFRN começou em 2010, quando ingressou no Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Operações Comerciais, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), cuja conclusão foi em 2014. Não demorou muito e, seis meses depois, a jovem já estava de volta ao Instituto, dessa vez no Curso Superior de Tecnologia em Construção de Edifícios, no *Campus* Natal-Central do Instituto (Cnat/IFRN).

Atualmente, a jovem atua como sala técnica, realizando projetos de regularização em uma empresa de topografia. A escolha pelo Curso Técnico Subsequente em Estradas foi feita com o objetivo de agregar mais conhecimento a sua profissão. “No meu trabalho, o curso é um grande diferencial. Tanto para o meu currículo quanto para um melhor entendimento do meu trabalho. Está sendo muito bom”, pontuou.

BATALHA AO LONGO DO CAMINHO

Enquanto a estudante conhecia os aspectos da construção de edifícios, foi surpreendida pela descoberta de um câncer em sua mãe. Nesse momento, porém, um dos

PRONTA PARA ALÇAR VOO

Agora, Rhyanne está chegando ao fim de mais uma etapa em sua vida acadêmica: a conclusão de Curso Técnico em Estradas, e a sensação que fica é a mistura entre dever cumprido e um toque de tristeza. “Acho que, agora, sinto que fechou um novo ciclo. É triste, o que é bem estranho, porque, nas outras duas vezes fiquei bem saudosa ao terminar o curso”, conta, rindo.

Questionada sobre o porquê da tristeza, ela afirma: “porque você sai de um ambiente, deixa o convívio de pessoas que te acolhem, sejam elas colegas de turmas ou até mesmo os tios e as tias da faxina. É meio como sair do ninho para voar por conta própria”. A pergunta surge, inevitavelmente: “e você se vê pronta para voar por conta própria?” Com a mesma rapidez, surge a resposta: “sim, com certeza! E espero que todos os alunos que saem do IF também tenham o mesmo sentimento de se sentirem prontos para a vida”, concluiu Rhyanne.

MODALIDADE SUBSEQUENTE NO CAMPUS NATAL-CENTRAL DO IFRN

Como conta o diretor de Ensino do *Campus* Natal-Central, professor Plácido Antônio de Souza Neto, a modalidade Subsequente é buscada por quem já possui o nível médio de Ensino e deseja uma qualificação técnica específica. O professor explica que, por ter duração de dois anos, a modalidade é procurada, principalmente, por quem deseja entrar no mundo de trabalho rapidamente. “Você tem uma grande probabilidade de entrar no mundo de trabalho ou de melhorar ainda mais as suas habilidades e aperfeiçoar as suas ações, caso já esteja empregado”, disse.

O professor Plácido conta que, em 2021, o *Campus* Natal-Central conta com 5.330 estudantes. Desses, 1.308 estão matriculados em um dos oito cursos da modalidade Subsequente ofertados pelo *Campus*. São eles: Estradas, Eletrotécnica, Geologia, Mecânica, Mineração, Petróleo e Gás e Segurança do Trabalho.

“A formação técnica em nível Subsequente é muito importante, tanto para nós, a nível de Instituto, formando esses profissionais e os colocando no mercado, como para a sociedade, pois pode encontrar, no IFRN, mais uma possibilidade de qualificação”, destacou o professor.

“*Eu fui vendo um grande diferencial na Instituição. Ela não descarta o aluno que não está podendo acompanhar; muito pelo contrário, ela tenta salvar aquele aluno a todo custo. E foi assim que, muitas vezes, eu me senti: salva por essa parte humana do IFRN.*”

Enquanto o jambeiro dá seus frutos, o IFRN também dá: a Educação!

Estudante recorda momentos da sua trajetória na Instituição

Por **Eduardo Fernandes**

Colaborador de Comunicação na Reitoria do IFRN



Amanda Cabral
Estudante do Campus Natal-Central

Raízes sólidas, verde brilhante, vermelho harmonioso e imponência. Essa poderia ser apenas a descrição morfológica da composição visual dos jambeiros que fazem parte do cenário do *Campus Natal-Central* (Cnat) do IFRN, mas também podemos fazer alusão à identidade visual do Instituto e a algumas das nossas características institucionais.

Foi entre as flores e frutos desse cenário que a aluna Amanda Cabral, do 4º ano do Curso Técnico de Nível Médio na Forma Integrada em Edificações do *Campus Natal-Central* percebeu, no seu primeiro dia de aula, a grandiosidade do local que iria frequentar e criar raízes quatro anos atrás. “Quando chegava a época da fruta jambo amadurecer, os servidores disponibilizavam um catador improvisado. Era engraçado tentar pegar os jambos. Comê-los, em seguida, era mais divertido ainda”, conta.

Para ingressar no curso, Amanda passou pelo processo seletivo, que descobriu no 9º ano do ensino fundamental e já quis participar. “Entrando no IFRN, tive mais autonomia de ir atrás das coisas. Foi um baque entrar numa turma que não conhecia muita gente, enquanto na minha escola antiga passei vários anos em uma mesma turma, convivendo com as mesmas pessoas, mas depois fui me encontrando e os receios ficando para trás. Além disso, quando acabasse o ensino médio eu já teria um diploma técnico. Ao entrar na Instituição, já percebi a sua grandiosidade, não apenas pelo espaço físico, mas também pelas inúmeras oportunidades que oferece aos alunos”, destaca.

Logo no início do curso, Amanda se interessou e entrou num grupo de artes ofertado pelo IFRN, onde pôde desenvolver habilidades de desenho e pintura, aprendendo sobre técnicas de arte e sobre materiais. “As aulas eram uma vez por semana, o professor era bem engraçado, e foi no curso onde eu aprendi e desenvolvi meu estilo de pintura. Ademais, também participei de algumas apresentações propostas pela disciplina de artes cênicas”, diz.

Além do desenvolvimento artístico e cultural, também existe o empoderamento e reconhecimento das lutas da Instituição. A estudante recorda de forma emocionada e afetuosa os momentos de mobilizações por pautas sociais e educacionais dos quais participou com seus vários colegas e amigos que fez no IFRN.

Para um local tão grandioso e diversificado, é difícil escolher um ponto específico de que se gosta mais. Para a estudante, as “rosquinhas”, que é um pátio com mesas redondas e coloridas, e o “buraco do vento”, corredor espaçoso e bastante ventilado, como sugere o nome, são seus locais preferidos no *Campus*. “Lá também tem o bosque, muito legal para passear, e foi lá que participei de uma oficina para fazer sabão e desinfetante caseiro, com óleo de cozinha usado. Tem também o refeitório, onde comíamos o lanche, que quando era bolo, a fila ficava enorme”, relembra.

Muitos trabalhos e provas foram feitos por Amanda durante esses quatro anos, porém, segundo a própria, tudo está valendo a pena. Agora na reta final do curso, através de divulgação feita pela Instituição, a estudante se candidatou a uma vaga de estágio na sua área de formação técnica e conseguiu ser selecionada! “Ainda não comecei a trabalhar efetivamente na empresa, mas já fui selecionada após entrevista de emprego. Ainda estou na fase de fazer a carteira de trabalho e conta no banco, me sinto bem adulta. Sem dúvidas o IFRN me fez crescer muito e me preparou para a vida”, diz com alegria.

“**Ainda não comecei a trabalhar efetivamente na empresa, mas já fui selecionada após entrevista de emprego. [...] Sem dúvidas o IFRN me fez crescer muito e me preparou para a vida.**”

ENSINO TÉCNICO INTEGRADO DO IFRN

A educação profissional técnica de nível médio integrado é oferecida a quem tenha concluído o ensino fundamental, possui a duração de quatro anos e, ao final, o estudante receberá um diploma de técnico de nível médio no respectivo curso. Atualmente, a instituição oferta 34 cursos dessa modalidade e mais 13 na forma ProEJA divididos nos mais diversos *campi* do IFRN.

Segundo a diretora pedagógica do IFRN, Amélia Reis, “o ensino médio integrado preconiza uma formação geral para o estudante, e deve ser inseparável da formação profissional. Dessa forma, o trabalho deve ter foco no trabalho como princípio educativo”, destaca.

A matriz curricular está organizada em regime anual, por disciplinas distribuídas em núcleo comum, parte diversificada e formação profissional, o que propicia a introdução de conhecimentos da formação profissional ao longo do curso. Além disso, cada curso será constituído pelas disciplinas orientadas por perfis profissionais de conclusão, ensejando ao educando a formação de uma base de conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como a aplicação do conhecimento teórico-práticos específicos de uma área profissional, contribuindo para uma sólida formação técnica e sobretudo humana. ■

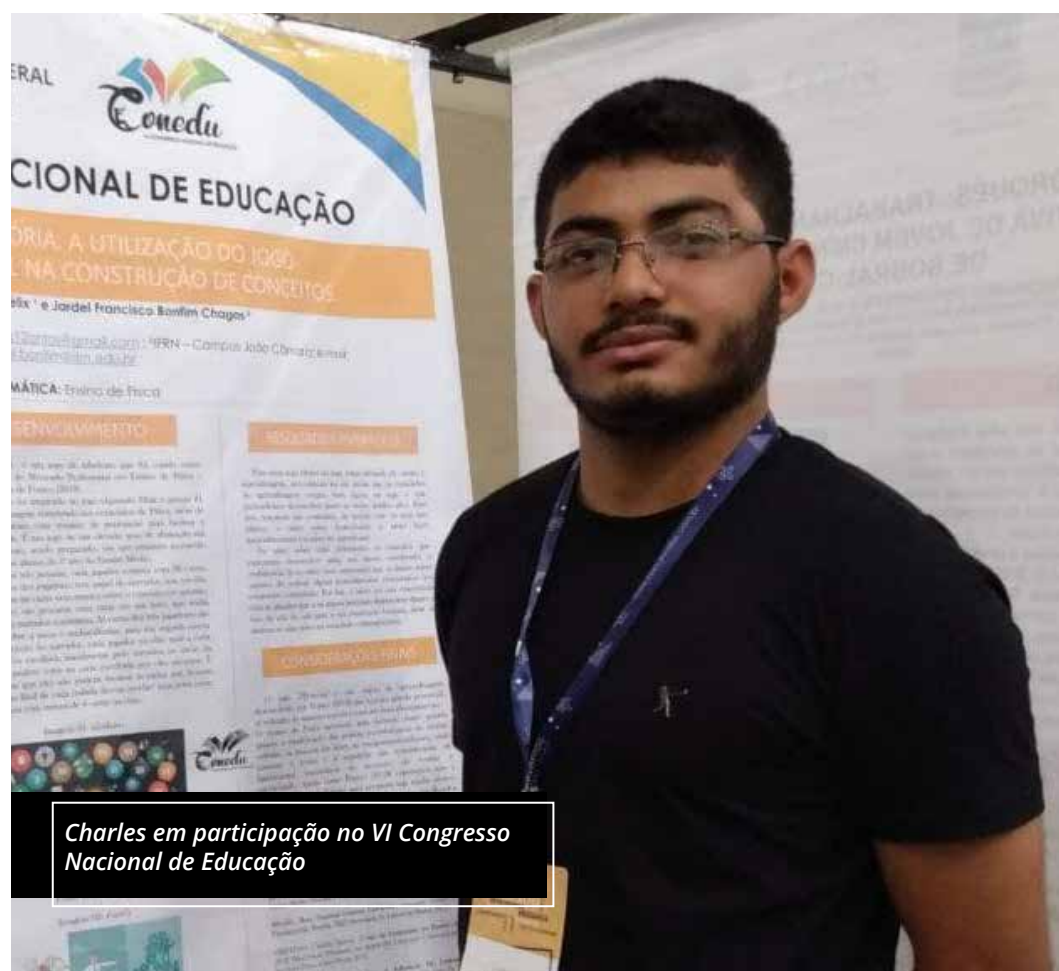
Apesar das linhas tortas, escrevendo um futuro mais certo

Charles decidiu estudar para ser professor após sofrer um acidente em seu antigo emprego

Por **Maria Clara Pimentel**

Estagiária de Jornalismo na Reitoria do IFRN

No município de Touros, a 91 km da capital potiguar, existe um bairro chamado Santa Luzia. No povoado, as perspectivas de trabalho para a maioria da população se resumem a lidar com carregamento de coco descascado, plantio de banana, limpeza de terreno ou arranjar emprego em um supermercado ou em uma “lojinha, se você for mais desenrolado”. É assim que descreve José Charles, nascido e criado no local. Hoje estudante da Especialização em Ensino de Ciências para Educação Básica, no *Campus* João Câmara do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e já formado em Licenciatura em Física pelo mesmo *Campus*, Charles não viu outra opção que não estudar para ser professor e ter melhores condições de vida após sofrer um acidente em 2015.



Charles em participação no VI Congresso Nacional de Educação

“A gente tinha carregado um caminhão de coco descascado e estávamos saindo de Punaú para Santa Luzia. Acabou acontecendo que o motorista perdeu o controle do caminhão e ele capotou com a gente”, assim explica o infortúnio que mudou sua forma de enxergar o mundo. Depois do episódio, o trauma de andar em carros de grande porte se tornou uma parte da vida de Charles: “passei um tempo indo de ônibus para a escola; eu pegava e ficava segurando as gradezinhas que têm umas telazinhas, eu ficava lá abaixado; passei um bom tempo fazendo isso e, até hoje, fico um pouco receoso”. Felizmente, ninguém se machucou além de alguns arranhões, mas a ideia de futuro do jovem estaria para sempre transfigurada: “após esse acidente, eu disse ‘não, eu quero melhorar, eu quero outra coisa para mim, algo que dê uma certa segurança ao trabalhar’, por isso que eu escolhi a carreira da docência”.

Entrou na Licenciatura em Física no ano seguinte, mas quem disse que, de uma hora para outra, o caminho seria fácil? O ano de 2016 contou com problemas de orçamento na Prefeitura de Touros, segundo Charles. “Não estavam

pagando funcionários, então os ônibus estavam todos parados. Passou-se muitos meses sem ter ônibus para levar os alunos; às vezes acontecia de um ônibus quebrar e passar quinze, trinta dias realmente parado, então eu passei quase um ano nessa peleja”, contou. E mesmo com os ônibus funcionando, os 60 km de viagem diária não eram cobertos pelo auxílio-transporte, o que fazia o estudante perder, frequentemente, dias de aula. Ficou inviável continuar em Touros e trancar o curso não era uma opção, pelo medo de voltar a trabalhar com carregamento de coco, então, assim que Charles conseguiu uma bolsa de apoio estudantil, decidiu ir morar em João Câmara.

AJUDA DOS AUXÍLIOS-ESTUDANTIS

O tourense considera as condições de acesso e as oportunidades de permanência, que teve no IFRN durante a sua graduação, como muito importantes: “a bolsa foi um dos fatores que me ajudou a pagar o aluguel da casa e tudo mais; eu também tinha auxílio-alimentação no IF, então ajudava muito; eu avalio [essas ações] como de extrema importância, porque nem todo mundo tem as mesmas condições de ter as mesmas formas de acesso”. Não só de acesso nem só de permanência, tais auxílios ajudaram a fazer Charles projetar a continuação no desenvolvimento de seu conhecimento e na constante Especialização.

ENCONTROS GERADOS PELO IFRN

Ao entrar em Física, seu foco era terminar o curso e ser professor de alguma escola municipal, mas encontrou nos próprios professores uma fonte de companheirismo e inspiração que o levaram a pensar maior: “foi um processo de amadurecimento, você entra na graduação e vai construindo, vai traçando o que você quer; na pós-graduação, não é só você se formar para ir para o mercado, é você se formar e pensar sempre em ir um pouco mais adiante”, explica. Durante os cinco anos da Licenciatura, Charles teve a oportunidade de participar de vários projetos de Extensão e de Pesquisa, aprendeu a escrever artigos, a pesquisar, a formatar, a ter boas relações com as pessoas envolvidas, inseriu-se no mundo do trabalho e, em tudo a que se propôs, encontrou um significado. “A cada evento

que a gente ia, a cada participação que a gente fazia, a cada escola com uma perspectiva de educação que a gente não conhecia, a gente acabava amadurecendo nesse sentido, com essas experiências”, declarou.

Foi na graduação que Charles se deparou com uma paixão e uma aptidão pela área da Física que ele não sabia que tinha, mas suas descobertas não ficaram apenas no âmbito profissional: “eu venho de uma família bem tradicional, bem religiosa, então quando entrei no IFRN foi um mundo diferente para mim; acabou que eu fui me encontrando, então eu tive muitas conversas com a psicóloga do *Campus*, fui me descobrindo como a pessoa que eu sou hoje e também encontrei o amor da minha vida no IFRN, ele fazia essa mesma Especialização que eu faço hoje”.

Foi um processo de amadurecimento, você entra na graduação e vai construindo, vai traçando o que você quer; na pós-graduação, não é só você se formar para ir para o mercado, é você se formar e pensar sempre em ir um pouco mais adiante

Charles e Paulo Sérgio se conheceram em 2018, na metade da graduação do tourense. Charles havia saído de um relacionamento há um tempo e estava voltando a conhecer outras pessoas. Conhecia Paulo de vista, mas só começaram a conversar quando deram *match* em um aplicativo de relacionamentos. “A gente foi conversando, se conhecendo, começamos a sair para ter encontros; fui vivendo, aí com o passar do tempo começamos a namorar. Depois, a gente casou e estamos juntos até hoje”, fala perceptivelmente com um sorriso no rosto. Paulo também fez graduação no IFRN, depois a mesma Especialização que Charles faz atualmente e, hoje, já está em outra pós-graduação.

PLANOS FUTUROS

Com a colação de grau da Licenciatura realizada no dia 24 de agosto, Charles começou a cursar neste ano a Especialização em Ensino de Ciências para Educação Básica e sonha com um futuro ainda mais brilhante: “nos próximos cinco anos, eu quero estar com meu mestrado feito, estar na metade do meu doutorado, ter passado em algum concurso e estar fazendo trabalhos que possam contribuir para a melhoria da educação na região do Mato Grande, que eu acho que carece, que precisa de incentivos, de políticas públicas e de mais oportunidades de capacitação para os profissionais da região”. Charles usa das tortuosas curvas que enfrentou para chegar até aqui com combustível para pavimentar um caminho mais reto aos que virão depois. ■

Quem acredita, sempre alcança: o poder da Educação em transformar sonhos em realidade

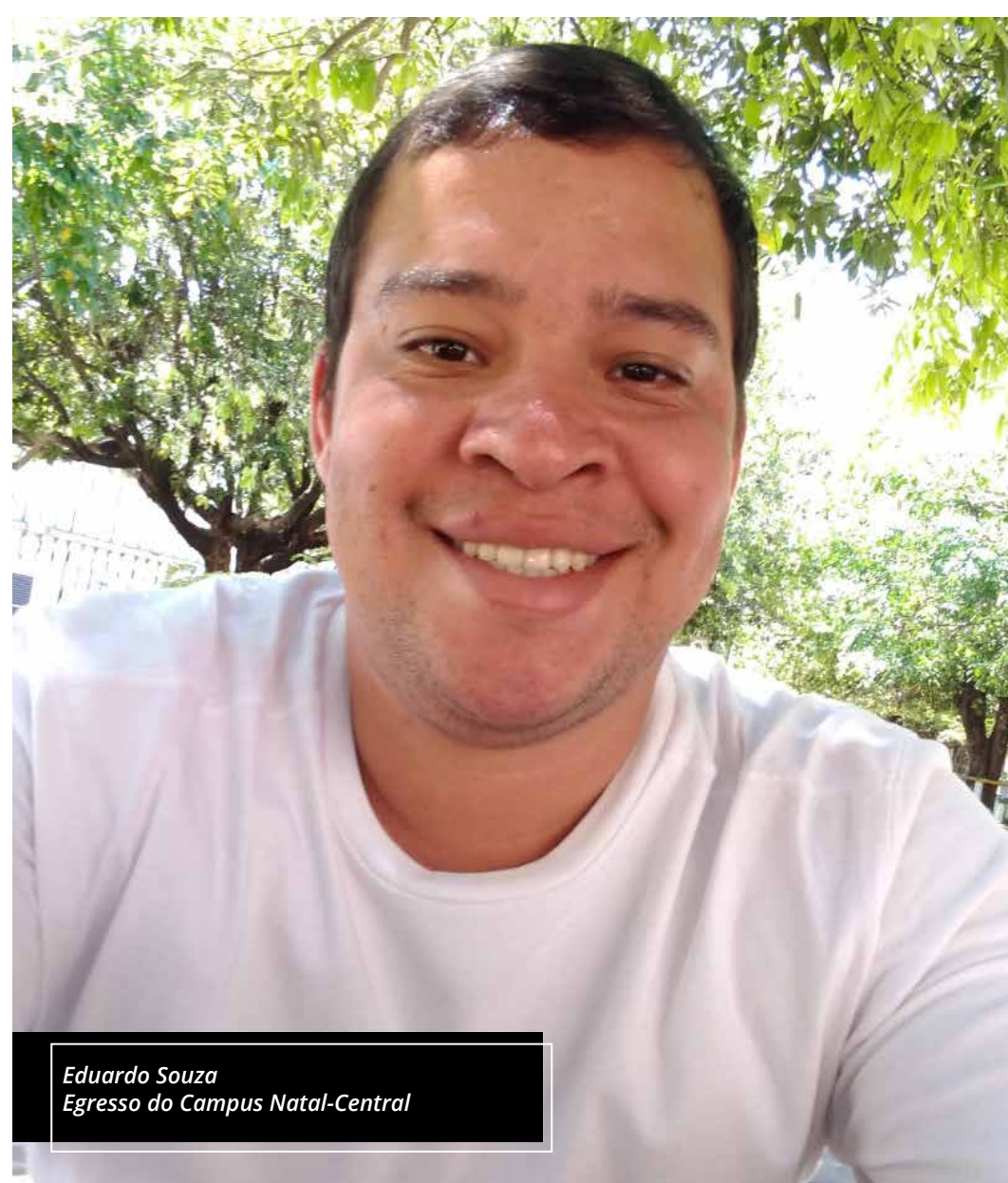
O estudante Eduardo Souza encontrou no IFRN a oportunidade de mudar de vida e realizar seus sonhos

Por **Max Praxedes**

Colaborador de Comunicação na Reitoria do IFRN

Egresso da Licenciatura em Física do *Campus* Natal-Central do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Eduardo Francisco Souza das Chagas, 26 anos, é aluno da Instituição desde 2012, mas sua história com o IFRN teve início em 2008, quando tentou ingresso no Instituto pela primeira vez para cursar o ensino médio.

Nascido em Natal, Eduardo sempre estudou em escola pública. Em 2008, quando iniciou o 9º ano do ensino fundamental, decidiu tentar ingresso no IFRN, na época Cefet-RN: “minha mãe decidiu pagar um cursinho para me ajudar a ter um bom desempenho na prova, porém não obtive êxito no processo seletivo, com isso, fui estudar na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, mas o desejo de ser aluno do Instituto ainda existia”, enfatizou.



Eduardo Souza
Egresso do *Campus* Natal-Central

Quatro anos se passaram, e quando estava no último ano do ensino médio, em 2012, o estudante descobriu que a Instituição ofertava cursos superiores e a Licenciatura em Física era um deles: “vi nesse curso uma oportunidade de pagar disciplinas e, no futuro, aproveitar no curso de Engenharia Civil, que até então era a graduação que eu queria cursar. Como o sonho de estudar no IFRN estava vivíssimo, essa era mais uma oportunidade, então me inscrevi e, finalmente, consegui êxito, com minha nota do Enem. A felicidade tomou conta, uma vez que era concretização de um sonho antigo”, celebrou.

DO ENSINO SUPERIOR À PÓS-GRADUAÇÃO

“Estudar no IFRN sempre foi um sonho, não só meu, mas também da minha família, tendo em vista que sou oriundo de uma família humilde e estudar sempre foi o único caminho tido como solução para vencer na vida”, declarou Eduardo.

Durante a graduação no IFRN, o estudante desenvolveu pesquisas sobre o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Em 2020, após a aprovação no Mestrado Acadêmico em Educação Profissional do Instituto, deu continuidade à sua Pesquisa sobre o Pibid. Com o tema “A experiência de licenciados com currículo integrado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência no IFRN”, a pesquisa tem como objetivo compreender a experiência de licenciandos do IFRN junto ao campo da Educação Profissional, a partir da imersão no ensino médio integrado, por meio das dinâmicas do Pibid.

“A temática da dissertação tem tudo a ver com as pesquisas que desenvolvi durante a graduação, onde pude investigar a importância do Pibid na Licenciatura em Física. Atualmente, investigo os impactos do Programa na Educação Profissional”, disse. Ter sido bolsista do Pibid foi a maior motivação para dar continuidade aos estudos sobre o Programa no Mestrado: “Sei dos grandes impactos do Pibid na minha formação. Essa motivação foi primordial para escolher meu método de Pesquisa, que é a sociobiografia, uma vez que me insiro na minha própria pesquisa”, afirmou. Foi através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência que Eduardo se descobriu professor. O Programa, implementado no IFRN,

possibilitou ao estudante conhecimentos relacionados ao desenvolvimento das atividades de docência na escola, bem como à vivência da rotina escolar.

“Foi no Pibid onde tive as minhas primeiras experiências numa sala de aula, onde pude ver que eu poderia fazer a diferença enquanto professor. Meu sonho era ser engenheiro civil e minha entrada no curso de Física era o caminho para pagar disciplinas e aproveitar no curso de Engenharia Civil, quando conseguisse passar, porém, quando cheguei ao IFRN e conheci o Pibid, mudei todo meu pensamento acerca da docência, uma vez que eu tinha uma visão distorcida da carreira de docente, o que me fazia não querer ser professor”, declarou.

RECONHECIMENTO E GRATIDÃO

Para Eduardo, a Licenciatura em Física não foi fácil. O estudante conta que precisou vencer muitos obstáculos, mas que teve apoio dos professores, aos quais é grato até hoje: “minha maior dificuldade ao chegar ao IFRN foi a falta de base, uma vez que sou oriundo da escola pública e não tive um ensino tão bom. O IFRN tem algo que te faz ser diferente, e os professores são essa diferença. Tive na Licenciatura professores que foram importantes durante minha trajetória, nos quais me espelho, como os professores Andrezza Tavares e Edemerson Solano”, ressaltou.

“Andrezza é aquela profissional que conquista por sua forma de conduzir as diversas situações acadêmicas, que pega o aluno, coloca debaixo do braço e o ajuda a se desenvolver profissionalmente. É uma docente que motiva quem está ao seu redor e incentiva a querer cada vez mais crescer, principalmente no sentido de buscar uma pós-graduação. Já Edemerson é aquele professor caladão, mas que chega na sala de aula e dá um show. É um professor que tem total domínio dos conteúdos, que tem uma facilidade para passar para o aluno e fazer com que ele aprenda, ou seja, é um professor que serve de exemplo”, homenageou.

“Ter Eduardo como orientando é imensamente realizador. Ele foi um estudante que se entregou por inteiro na jornada da obtenção do grau de licenciado em Física. Ele efetivamente permitiu um forte engajamento com as disciplinas das Ciências da Educação e específicas de Física. A prova disso foi que quando ele concluiu a licenciatura, conseguiu imersão imediata no mundo do trabalho. É uma pessoa bem sucedida profissionalmente. Esse é o caminho que a gente espera para os nossos estudantes, que esses alunos sejam bem sucedidos na vida acadêmica, no mundo do trabalho, na sua cidadania, na sua felicidade e nas suas realizações”, comentou, com orgulho, a professora Andrezza Tavares, orientadora do projeto de Pesquisa de Eduardo.

Estudar no IFRN sempre foi um sonho, não só meu, mas também da minha família, tendo em vista que sou oriundo de uma família humilde e estudar sempre foi o único caminho tido como solução para vencer na vida.

“O desenvolvimento dos cursos de Pós-graduação dentro do IFRN só mostra o quanto a Instituição se preocupa com a verticalização do ensino dentro dela. Eu sou a prova disso, visto que fui aluno de uma licenciatura, hoje sou mestrando e pretendo, em breve, ser doutorando. A escola é tão afetiva e comprometida com um ensino de excelência que não conseguimos deixá-la. Sem contar que o IFRN valoriza o desenvolvimento da Ciência no nosso país”, destacou o estudante.

SOBRE A PÓS-GRADUAÇÃO NO IFRN

Entender como a pós-graduação funciona depende do formato escolhido para continuar os estudos, podendo ser *lato sensu* (que diz respeito aos cursos de especialização) ou *stricto sensu* (que compreende o mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado). Independentemente do tipo de pós, ter uma formação continuada proporciona diversos benefícios à carreira profissional.

No IFRN, a seleção para cada formato depende dos editais publicados, podendo envolver análise de currículo e de histórico acadêmico do candidato (especializações), além de provas, entrevistas e análise de projetos de pesquisa (mestrados/doutorados). As áreas de pós-graduação ofertadas pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte são:

- **Especialização:** os cursos de Especialização conferem ao aluno o título de especialista. Esse tipo de pós-graduação é amplo, com oportunidades nas mais variadas áreas do conhecimento;
- **Mestrado Acadêmico:** é indicado para quem quer se tornar professor do ensino superior e trabalhar com produções acadêmicas, recebendo o título de mestre. Para isso, é necessário que o estudante apresente um projeto de pesquisa, no qual irá trabalhar por até 24 meses, e depois deverá apresentar a sua dissertação à banca examinadora;
- **Mestrado Profissional:** essa área também dá ao aluno o título de mestre, porém, tem o seu ensino voltado para levar o conhecimento científico ao mercado de trabalho, tanto em organizações públicas quanto em empresas privadas; e
- **Doutorado:** é um curso normalmente realizado após o mestrado, a fim de receber o título de doutor. Os requisitos de ingresso são semelhantes ao do mestrado, porém, a sua duração é de até quatro anos. Ao final do projeto de pesquisa, é necessário desenvolver uma tese e apresentá-la para uma banca examinadora. ■

PALAVRAS DE MOTIVAÇÃO

A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?

Mahatma Gandhi

Da fantasia à realidade: projeto do Campus Natal-Central cultiva o sonho de um planeta sustentável

Iniciativa ensina que é preciso “ver com o coração” o Meio Ambiente

Por **Romana Alves**

Jornalista na Coordenação de Comunicação do Campus Natal-Central



Ação se configura como projeto de Extensão

A mudança que se deseja começa dentro de si. É com essa filosofia de cuidar do planeta, para cultivar um mundo sustentável, a exemplo do Pequeno Príncipe, personagem de Saint-Exupéry, que estudantes do *Campus Natal-Central* fabricam sonhos em bolhas de sabão.

Em cada bolha, uma história de vida e uma transformação que acontece. A partir de cada barra de sabão produzida, o meio ambiente se transforma, gerando consciência ambiental e renda familiar. E assim, óleos residuais – vegetal e animal –, além de garrafas pets, dão vida a produtos de limpeza e vassouras. Uma verdadeira limpeza na mente e nos corações que modifica o ambiente onde chega com objetivos desafiadores.

O desafio tem como bússola os 17 objetivos estabelecidos na “Agenda 2030 da ONU”. Nesse compasso, os integrantes do projeto “Sabões residuais, detergentes e vassouras pets como negócios sociais voltados para geração de renda, inclusão, sustentabilidade social, econômica e ambiental” levam consigo o ideal de transformar a forma das pessoas viverem o meio ambiente em que habitam. Firme nessa perspectiva, a atual equipe, orientada pelo docente Antônio Olavo de Souza, é composta por Geovana Rodrigues, Giovanna Karolina, Jéssica Carvalho e José Jônatas, estudantes do Curso Técnico em Controle Ambiental, além de Juliana Rodrigues, voluntária externa no projeto e estudantes do Curso Superior em Serviço Social.

O projeto contabiliza, no decorrer de 12 anos, 432 palestras e oficinas, com média de 25 participantes por evento, totalizando 10.800 integrantes. Nesse contexto, foram coletados e transformados 326.412 litros de óleos e 298.874 garrafas pets, que trazem renda e inclusão produtiva. Segundo a estudante Geovana Rodrigues, “uma das experiências é uma Associação de Pessoas com Deficiências (Acapord), que sobrevivem do que produzem e vendem com lucratividade superior a 150%, pois como o óleo e as garrafas vêm de doações, os custos de uma barra de sabão e de uma vassoura são, respectivamente, R\$0,40 e R\$ 2,80 e são comercializados por R\$ 1,50 e R\$ 7,00”. De acordo com o professor Antônio Olavo, um dos sonhos é “ver a continuidade da Acapord, que eu ajudei a desenvolver, ao introduzir oficinas ambientais, desenvolvendo habilidades sociais e motoras desses alunos que viviam excluídos do convívio social”.

Sociabilização e inclusão que têm como moeda de troca a sustentabilidade social, econômica e ambiental, alavancada por palestras e oficinas do projeto. Nelas, sabões, detergentes e produtos, como vassouras e tintas, são fabricados a partir de óleos residuais e garrafas pets. São oficinas com foco na inclusão econômica, através de práticas de conservação do meio ambiente.

Meio ambiente que também exerce o protagonismo em palestras sobre “Gestão”, “Empreendedorismo Socioambiental”, “Cooperativismo” e os “17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável”. A partir dos temas, é realizado um processo de iniciação científica com alunos de escolas públicas. E dessa forma, os estudantes pensam formas de reinventar a sua relação com o meio.

Reinvenção essa também necessária ao funcionamento do projeto em tempos de pandemia. Durante esse período, o foco tem sido a participação on-line em congressos e feiras nacionais e internacionais, caso dos 3º e 4º Congresso Sul-Americano de Resíduos Sólidos e Sustentabilidade, 17º Congresso Nacional do Meio Ambiente de Poços de Caldas, XI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 7ª edição do Prêmio Respostas para o Amanhã, 8ª Feira Brasileira de Colégios de Aplicação e Escolas Técnicas (Febrat), além da publicação de um artigo na Revista Participação, da Universidade de Brasília.

Para além dos muitos trabalhos de pesquisa em andamento, o projeto de Extensão transforma na prática a forma de viver das pessoas: “acreditamos que essas ações multiplicadoras podem sensibilizar a maior parte da população e quando olhamos para os ‘Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável da ONU - Agenda 2030’, que tem como lema “Não deixar ninguém para trás”, vemos que é mais uma utopia de ambientalistas e alguns poucos educadores. Mas, nunca deveremos deixar de sonhar com um outro mundo mais sustentável, com menos desperdícios e mais conhecimentos sobre a realidade ambiental vigente”, sonha o ambientalista e educador Antônio Olavo.

E assim, sonhando, ele, como o habitante de um certo planeta B612, cuida do nosso planeta, semeando transformações “essenciais”, tantas vezes “invisíveis aos olhos”, fazendo-nos lembrar que é urgente para cada um de nós “ver com coração” o meio ambiente em que vivemos. ■

Ciência na palma da mão

Projeto do *Campus Natal-Zona Norte* cria minilaboratório de Química em aplicativo para smartphone

Por **Neiryvan Maciel**

Coordenador de Comunicação Social e Eventos do *Campus Natal-Zona Norte*



Hanna Vitória Oliveira se diz curiosa e movida pela paixão a descobertas. “Sempre gostei de descobrir coisas novas e isso foi evoluindo até se transformar no desejo de um dia ser uma cientista, embora parecesse muito distante da minha realidade”. A expectativa dela começou a ganhar força a partir da própria casa. Raíssa Vanessa, irmã de Hanna e estudante de Química, começou a compartilhar as experiências com pesquisa e inovação vivenciadas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). “Como consequência, a cada novidade contada, vi que o sonho poderia se tornar realidade, e que a ciência não estava restrita a estrangeiros de barba”, contou Hanna.

A empolgação com aquilo que ouvia da irmã tomou forma três anos atrás, quando a adolescente chegou ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte. “O ponto de partida para mim, no *Campus Natal-Zona Norte* do Instituto, foi o seminário de iniciação à pesquisa [realizado anualmente pela Coordenação de Pesquisa e Inovação]. Fiquei feliz ao descobrir que a iniciação científica estava ao meu alcance no próprio IFRN e, a partir daquele momento, busquei me dedicar ao máximo a participar de estudos, pesquisas e a desenvolver projetos”, explicou a estudante, do terceiro ano do Curso Técnico Integrado em Eletrônica desde 2019.

Assim como Hanna Vitória, estudantes do IFRN – presença constante em eventos de natureza científica –, mesmo com todas as dificuldades impostas pela pandemia, foram capazes de conciliar as adaptações ao ensino remoto emergencial com o desenvolvimento de projetos de pesquisa. No *Campus Natal-Zona Norte* do Instituto não tem sido diferente.

PESQUISA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO E DO MEIO AMBIENTE

Ainda em 2019, outros dois colegas de turma, também apaixonados por descobertas, se juntaram a Hanna nos estudos: Geovani Porto e Yasmin Kaline. “A gente tinha muita afinidade, a começar pelo interesse pela pesquisa”, revelou Geovani. O local onde se encontravam com frequência, o laboratório, serviu de inspiração para refletirem sobre uma questão educacional importante não só no âmbito acadêmico, mas também social. “Entre idas e vindas ao laboratório do *Campus Zona Norte* e o da UFRN, onde utilizávamos alguns equipamentos para análises químicas que não havia na escola, começamos a nos perguntar: ‘se nós, que estudamos em uma instituição federal, que, apesar da excelente estrutura, nem sempre temos tudo de que



precisamos para as nossas pesquisas, como deve ser a realidade dos alunos das escolas públicas estaduais e municipais, que carecem de mais investimentos em educação?”, questionou Geovani.

De acordo com ele, a maioria dos diversos aparelhos criados para análises químicas e físicas é difícil de interpretar, manusear e locomover, tem preço elevado e é inacessível ao público não universitário. Um outro problema enfrentado nos laboratórios de Química, na opinião do estudante, envolve a utilização de grandes volumes de amostras e reagentes que, “sem o descarte correto ou reaproveitamento dos resíduos, podem ser prejudiciais ao meio ambiente”.

ANÁLISES QUÍMICAS A DISTÂNCIA DE UM CLIQUE

A problemática serviu de base para o grupo ter uma ideia e desenvolvê-la. Dela surgiu o SmartLab, projeto que usa o smartphone, popular principalmente entre os jovens, para realizar análises físico-químicas de maneira acessível a estudantes de escolas que não dispõem de laboratórios e equipamentos. Nesse sentido, os autores aplicam conhecimentos em Matemática e Programação para obter dados químicos a partir de imagens.

Para Kaline, o trabalho do grupo pode contribuir com a criação de um método para uso de estudantes do IFRN em suas pesquisas científicas, como alternativa aos aparelhos de alto custo. “O tema do nosso projeto é interdisciplinar e pode ser incorporado como método de ensino por professores do Instituto, inclusive durante o ensino remoto, permitindo realizar atividades práticas em casa mesmo, com materiais acessíveis, facilitando o nosso aprendizado e estimulando o interesse pelas disciplinas”, apontou.

Em outras palavras, o SmartLab se propõe tanto a reduzir custos das análises químicas quanto a possibilitar a diminuição do uso de reagentes que podem poluir o meio ambiente. O aplicativo está sendo desenvolvido e potencializaria a aplicação desse método, tornando-o viável, visto que os experimentos seriam realizados por meio de infraestrutura simples, sem ambientes laboratoriais sofisticados.

Durante o período de execução do projeto foram realizados experimentos com imagens digitais como fonte de dados. Um deles envolveu adição de água em um suco de uva e a captura de imagens dessas misturas, a fim de prever o volume de água no suco. O grupo utilizou também metodologia similar para determinar valores de pH - referência para determinar o nível de acidez de uma solução aquosa – usando pigmentos vegetais extraídos de repolho roxo como indicador.

PRÊMIOS

De 2020 até agora, a equipe de estudantes do Instituto ganhou vários prêmios com o SmartLab. Nas duas últimas edições da Feira Brasileira de Jovens Cientistas, realizadas em 2020 e 2021, na forma on-line devido à pandemia, o trio conquistou o Prêmio Estudante Destaque, o Prêmio Inovação Tecnológica “Creality Brasil” e duas vezes o segundo lugar da área Ciências Exatas e da Terra. Na mesma categoria, em 2020, o SmartLab foi escolhido o terceiro melhor projeto em outros dois eventos: a Mostra Científica e Tecnológica dos Jovens Pesquisadores do Estado do Pará (Mocitec Jovem), promovida pelo Campus Abaetetuba do Instituto Federal do Pará (IFPA), e a Feira de Ciência e Tecnologia (Fecitec Palotina), organizada pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O trabalho desenvolvido conta com a orientação dos professores Alba Lopes (IFRN), Daniel Dantas e Pollyana Castro (UFRN), além da graduanda Raíssa Vanessa Oliveira (UFRN). ■

Campanha BoAção

Elo solidário entre servidores do IFRN e comunidade

Por **Sandoval Villaverde Monteiro**
Professor no Campus Natal-Cidade Alta



Além de atender às famílias assistidas, a Campanha BoAção fortalece a economia dos bairros.

Tudo aconteceu no início da pandemia, no *Campus* Natal-Cidade Alta (CAL). Ainda impactados e tentando compreender as primeiras e vertiginosas notícias sobre a Covid-19, buscamos nos apropriar minimamente sobre o que estava por vir. Rapidamente dimensionamos dificuldades pelas quais passaríamos, em especial as camadas menos favorecidas da sociedade brasileira e potiguar, diante do distanciamento social e consequente declínio das atividades econômicas no país.

Prevista no escopo do Núcleo de Extensão e Prática Profissional em Cultura, Turismo e Lazer (Execult), vigência 2020/21, a ação 'Rocas Sambista' trouxe na mesma época resultados do diagnóstico que estava sendo realizado para levantar demandas e necessidades junto à comunidade ligada às escolas de samba: o principal deles foi a demanda crescente por alimentos e itens de higiene pessoal. O diagnóstico, que previa dimensionar possibilidades técnicas de atuar como parceiros no processo de aprimoramento e produção daquelas agremiações, trouxe consigo preocupação.

VOLUNTARIEDADE

Sensibilizamo-nos e, daí, iniciamos um diálogo interno sobre o que poderíamos fazer enquanto servidores do IFRN diante de uma situação que dificultaria ainda mais a vida das comunidades periféricas e vulneráveis, especialmente aquelas do entorno de nossas unidades educacionais.

A partir disso foi iniciado um chamamento aos servidores do *Campus* Natal-Cidade Alta para contribuições voluntárias. A ideia era adquirir e distribuir cestas básicas às comunidades vulneráveis do entorno do *Campus*. A articulação ganhou força e, na sequência, foi ampliada ao IFRN como um todo, envolvendo ainda colaboradores externos.

COMUNIDADES E AGENTES

As comunidades definidas para atendimento foram Rocas/ arredores e Passo da Pátria, localidades bastante vulneráveis no entorno das unidades do *Campus*, unidades Cidade Alta e Rocas. A estratégia adotada, desde o início, envolveu a articulação de agentes locais que pudessem auxiliar no processo de distribuição das cestas, especialmente na tarefa de localizar casos mais graves, elaborar uma espécie de cadastro para a campanha e fazer chegar as cestas às famílias. Esse modelo de trabalho conjunto permitiu que quase todo o trabalho de coordenação da campanha pudesse ser feito de forma remota.

A partir de orientações do setor de saúde do *Campus*, orientações sobre as medidas de segurança que deveriam ser seguidas nesse processo de distribuição de cestas foram passadas a tais agentes comunitários. Em complemento à atenção às comunidades, também buscamos contato e passamos a comprar as

cestas a pequenos mercados dos próprios bairros, na intenção de fortalecer a economia local.

AUXÍLIOS EXTRA

Além das Rocas e Passo da Pátria, a BoAção também ofereceu auxílio a estudantes, artistas locais e funcionários terceirizados que, em algum momento, precisaram de um apoio extra. Em alguns meses nos quais a campanha recebeu um reforço advindo de outras entidades, como a Ação Cidadania (RJ), as atividades foram bastante ampliadas, o que permitiu contribuir com outras iniciativas, como aquelas voltadas a pessoas em situação de rua.

NÚMEROS

A Campanha BoAção registrou, desde abril de 2020, os seguintes números: R\$ 36.088,00 em recursos financeiros arrecadados na campanha; 798 cestas distribuídas entre comunidades, estudantes e funcionários terceirizados; e R\$ 5.825,00 em repasses financeiros emergenciais a discentes do *Campus*.

A Campanha segue na busca por interferir de alguma maneira na realidade preocupante da fome no Brasil. Segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), 116,8 milhões de pessoas conviveram com algum grau de insegurança alimentar nos últimos meses de 2020, o que corresponde a 55,2% dos domicílios brasileiros. Desse contingente, 19 milhões de brasileiras e brasileiros lidaram diretamente com a fome.

SOLIDARIEDADE POR CONVIVÊNCIA

Certamente se trata de uma ação bastante singela diante de tantas e grandes necessidades da população mais empobrecida, mas na sua simplicidade vem aliviando um pouco o cotidiano de um número significativo de famílias. No entanto, a Campanha BoAção recusa plenamente a perspectiva meramente assistencialista como recurso paliativo que reforça, em certo sentido, a aceitação da exclusão e da miséria, mas considera e se orienta para a transformação de suas causas.

Portanto, reafirmamos nossa localização não numa perspectiva de "solidariedade por decreto" e sim nos aproximando de uma "solidariedade por convivência", conforme as formulações de Telma Mariasch (2005). Para a autora, a "solidariedade por convivência", entendida como forma de subjetividade coletiva, é tida como base de transformação, de produção e mesmo de re-criação da existência. São expressões de solidariedade baseadas nos encontros, na ordem do devir, nas relações, nas trocas, e se constituem como malhas de sustentação e constituição, outorgando sentido à própria vida. ■

O trabalho necessário para a permanência e o êxito de estudantes com necessidades especiais

A história de Everton Vinicius Lima da Silva, do *Campus Canguaretama*, mostra como o IFRN se reinventou no período de pandemia de COVID-19

Por **Clara Bezerra**

Assessora de Comunicação Social e Eventos do IFRN



O ano de 2020 teve início para Everton Vinicius Lima da Silva com uma grande expectativa: o início do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Eletromecânica, no *Campus Canguaretama* do IFRN. Everton possui múltiplas deficiências: auditiva, de visão e cognitiva. Mas elas não foram empecilho para o estudante acreditar nos incentivos recebidos na sua antiga escola e ser aprovado para o IFRN com uma das melhores notas do processo seletivo. Elaine Cristina dos Santos Lima, mãe de Everton, relata que chorou ao ver o filho vestir a camisa do Instituto: “eu nunca imaginei que ele ia entrar no Instituto Federal”.

Mas 2020 começou e após poucos dias de aula, um fato que ninguém esperava impactou a vida de todos: a pandemia de Covid-19. No dia 17 de março as aulas foram suspensas e só foram retomadas, de forma on-line, meses depois. o ensino remoto foi uma das saídas que os gestores do IFRN encontraram para resguardar a vida da sua comunidade acadêmica. Mas como manter a permanência e o êxito de estudantes, especialmente em casos como o de Everton? Além das necessidades educativas específicas, a família do rapaz não possuía computador, apenas um aparelho celular com um sistema operacional básico, que não permitia o acompanhamento das aulas. Elaine obtém

“A gente entender que existia uma história de vida desse aluno, dessa pessoa e que a gente não ia começar esse trabalho do zero, que ele não era uma folha em branco”

a renda familiar produzindo bolos e doces por encomenda, o que não permitia a aquisição de outro equipamento eletrônico, muito menos do pacote de internet necessário à conexão.

A exemplo do que aconteceu no Instituto como um todo, a equipe de servidores do *Campus Canguaretama* precisou se reinventar, unir esforços e encontrar novas formas de ofertar o ensino público e gratuito de qualidade, marca do IFRN. A direção-geral se uniu ainda mais à direção acadêmica e aos gestores de atividades estudantis, responsável pelas assistências aos estudantes, e aí se intensificou o trabalho. Por um lado, a Coordenação de Atividades Estudantis (Coaes/Cang/IFRN), ligada à Diretoria de Atividades Estudantis (Digae/IFRN), realocou os recursos das assistências que não seriam necessárias naquele momento, como auxílio

transporte, buscou outros recursos financeiros e conseguiu lançar editais para auxílio digital. Um entre tantos discentes beneficiados, Everton conseguiu comprar o primeiro computador da família.

SUPORTE

“A gente conseguiu atender uma quantidade significativa porque fizemos um levantamento orçamentário juntamente com o suporte da Reitoria”, explica a coordenadora de Atividades Estudantis do

Campus, Dorineide Matias. Por outro lado, a Diretoria Acadêmica, que tem a sua frente o processo Márcio Marreiro, promovia as ações necessárias ao processo de ensino-aprendizagem de Everton. Isso foi realizado através do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Especiais (Napne/Cang/IFRN) e toda equipe de servidores docentes e técnicos-administrativos do *Campus*.

A coordenadora do Napne/Cang/IFRN, Pollyanna Brandão, conta que a primeira ação foi acolher a família. “A gente entender que existia uma história de vida desse aluno, dessa pessoa e que a gente não ia começar esse trabalho do zero, que ele não era uma folha em branco”. Já o coordenador do curso de Eletromecânica, Gennisson Batista, comenta que foi necessário criar também uma programação de atendimento individualizado para Everton, na busca por um maior suporte. “Mas ele participa das aulas com todos os alunos”, acrescenta.

Para que isso acontecesse, todo o *Campus* se envolveu. “Nosso contexto de ensino remoto trouxe outros desafios para além das necessidades educativas específicas de Everton, que era justamente esse aparato tecnológico, que Everton e dona Elaine precisaram se apropriar”, explica Pollyanna. Elaine narra que Everton não sabia usar o computador nem navegar na internet. Mas esses espaços se tornaram a sala de aula. “No começo, ele perdia atividade porque eu não sabia como mexer no site da escola, eu aprendi, como dizem, na marra. Aí para colocar na sala de aula, que era por link, eu não sabia como era, o que eu mexia em internet era o básico, WhatsApp, Facebook, essas coisas. Aí Pollyanna me ajudou bastante, os professores”, destaca Elaine. Até os estudantes do Grêmio Estudantil Homero Homem, do *Campus* Canguaretama, envolveram-se. Respeitando os protocolos de segurança, eles iam à casa de Everton para lhe ensinar o acesso às aulas.

DESAFIOS E TRABALHO COLETIVO

Hoje Everton se sente seguro no ambiente on-line de aula. Liga e desliga o computador, acessa o Suap, Google Class Room, faz pesquisas e ainda utiliza os horários livres para jogar e descobrir novos conteúdos no YouTube e outros sites. A professora Magda Diniz, de Língua Portuguesa, conta ainda que ele é um dos autores de um livro de contos que será lançado em breve. “Everton desenvolveu suas habilidades de linguagem e produziu a narrativa, o que alguns estudantes sem as necessidades específicas dele não conseguiram”, enfatiza.

Ao fazer uma leitura sobre a história de Everton, o diretor-geral do *Campus* Canguaretama, professor Flávio Ferreira, destaca a importância do trabalho coletivo: “os desafios têm sido muito grandes, mas a gente tem trabalhado sempre, a partir do coletivo, para que esses alunos, especialmente aqueles que têm dificuldade de aprendizagem, tenham permanência e êxito na Instituição. A gente sabe das dificuldades, que elas não são só de ordem de aprendizado, são dificuldades sociais, de vulnerabilidade, então investimos massivamente. Foi uma decisão de gestão”.

E os resultados chegam. “Hoje ele está onde ele está, no curso mais difícil que tem, se saindo bem, tirando notas boas. Porque quem olha assim, Everton é especial como os outros”, emociona-se Elaine ao falar sobre o filho.

Após um ano e oito meses de distanciamento social causado pela pandemia de Covid-19, o IFRN reiniciou, no dia 8 de novembro, as aulas presenciais. O retorno está sendo realizado de forma gradativa, a fim de que Everton e todos os outros estudantes da Instituição tenham acesso ao ensino público e gratuito de qualidade de forma segura e com êxito.

IFRN, presente!

Educação, Ciência, Cultura e Tecnologia em todo o Rio Grande do Norte





IZAURA BRITO
Professora aposentada
do IFRN

Antítese da vida

Por que chorar?
Se há tanto o que comemorar?
Por que sofrer?
Se ainda há tempo para se fortalecer?
Por que se lamentar?
Se existe a vida inteira para cantar?
Por que se afligir?
Se há tantos motivos para sorrir?

A vida é assim mesmo:
Um verdadeiro ermo...
Um dia murmura-se com a tristeza
Outro, transborda-se de alegria...
E vivendo-se esta magia
Ultrapassamos a linha do tempo
Que, dependendo-se de seu bem-estar
Venceremo-lo a contento...

O tempo que vivemos no ardor da juventude
O tempo que experimentamos no fulgor da maturidade
O tempo que usufruímos da verdadeira plenitude
Por estarmos Vivos,
Atentos
Ativos
Contentes por SER
Valorizando o que se É
Não o que se TEM
Pensando-se assim,
Certamente, VIVE-se
E experimenta-se a verdadeira felicidade!



ALESSANDRO NÓBREGA
Secretário executivo
Campus Santa Cruz
do IFRN

Home Office

Trabalho remoto. Que mudança radical! Foi preciso entender que o lugar em que trabalho é também onde descanso, me alimento, encontro a família e tenho um pouco de meu lazer. É nisso que a pandemia transformou o meu lar. Tudo em um só lugar. Parece até propaganda de site de vendas.

Adaptações e investimentos. Uma cadeira gamer, nunca usada para esse fim, mas para trabalho. Achei confortável e o visual moderno me fez sentir atualizado. Um PC com uma configuração 'pau' para não 'bugar', uma câmera razoável, iluminação, uma sala adaptada para evitar o barulho das crianças, porta fechada, o ar-condicionado ligado, a conta de energia mais cara e sem ressarcimento. Uma rotina diária que muitas vezes entra pela noite. E eu que pensava que trabalhava muito. Parece que agora é o tempo todo.

Em uma dessas manhãs, quando ainda estava lendo os primeiros e-mails, tudo se desligou. Um susto. O que eu fiz de errado? Nada. A energia havia faltado. A raiva foi o primeiro impulso. Calma, vai voltar logo. Passados os primeiros 10 minutos, a ansiedade foi se aproximando, comecei a repassar na cabeça tudo o que tinha para fazer. Uma gota de suor escorreu pelo rosto. As mãos transpiravam. Tive que ir lidando com aquela sensação de impotência por mais uns 30 minutos. Eu esquecera de colocar o celular para carregar e a bateria estava chegando ao fim. Ainda deu tempo avisar a chefe desse transtorno. Quando a energia retornasse, retomaria o trabalho.

Não havia o que fazer a não ser esperar. Tomei um pouco de água, comecei a organizar a mesa. Coisa rara. Era perda de tempo e tudo era muito urgente. Abri algumas gavetas para retirar o que não tinha mais uso. Cada gaveta aberta ia me contando uma história com suas lembranças. Uma em especial me chamou a atenção ao encontrar um antigo caderno de anotações. Acho que ninguém usa mais isso.

Ali eu anotava tudo. Tarefas, poemas inconclusos, ideias a serem desenvolvidas, lembretes. Era uma mistura de caderno de anotações, diário, agenda e sei lá o que mais.

Comecei a olhar aquela letra estranha. É, por alguns segundos não reconheci minha própria letra. Quase nunca escrevo mais com caneta, tudo é tão digital, visual, auditivo. Por um instante me pareceu ser outra pessoa que havia escrito. Encontrei minha assinatura entre as páginas e me perguntei quem era aquele ser. Peguei uma caneta e fiquei reescrevendo por várias vezes o meu nome para me reconhecer ali. Estranho. Como mudei!

Minha geração, a geração X, viu o computador surgir e não imaginávamos como nos tornaríamos dependentes e quantas coisas aos poucos iriam desaparecendo. Escrever agora com a caneta parecia muito estranho. Imprimir a força adequada, sentir o deslizar da ponta sobre o papel. Rabiscar. Nunca mais ouvi alguém dizer essa palavra. Fazer círculos, tracinhos, desenhos de bonecos palito. Tudo feito ao lado, nos cantos da página. Era um momento meditativo, de divagações, para logo retomar a criatividade.

Na mesma gaveta havia um envelope, desses de papel madeira, com um maço de folhas dentro. Era um velho romance iniciado e esquecido em meio ao pó do tempo. Alguns capítulos apenas. Sempre escrevia primeiro à mão. Li algumas páginas. Reescreveria por inteiro se o retomasse.

Remexendo a última gaveta, encontro algumas cartas. Isso sim faz tempo. Não havia o botãozinho do excluir tudo ou mandar para a lixeira. Ficavam no esquecimento da gaveta, pois destruí-las parecia um sacrilégio contra quem as enviara. Lá estavam elas.

Não havia e-mail, chats, mensagens de áudio, ou coisa assim. Pelo menos eu ainda não usava. Eram cartas escritas por minha mãe. Amareladas pelo tempo, ainda me traziam lembranças do cheiro de seu abraço, do café, da comida e o som de sua voz em cada palavra lida. A sua letra era impecável, coisa que ela se vangloriava.

- Em minha escola fazíamos aula de caligrafia, dizia ela.

Já com tudo no lugar, peguei uma folha na impressora ao lado do computador. De repente, me pus a escrever. A luz do sol entrando pela janela cortava a folha, atravessava todo o espaço e se derramava sobre a porta de entrada.

Ouvi um bip, tudo voltou a funcionar. A energia chegou. Só eu não retornei. Havia encontrado um filho há muito perdido nos algoritmos.

Com a mão sobre o papel, uma mão em paz deslizou a caneta trêmula:

Querida mamãe, Saudades...



HUGO MANSO
Professor de Mecânica
Campus Natal-Central
do IFRN

Um livro para ser lido ao som de Tim Maia

A biografia de Tim Maia, escrita por Nelson Motta, é um texto leve, gostoso e ilustrativo de uma época.

O livro retrata suas andanças ainda criança nas ruas cariocas da Tijuca, passa por sua viagem aos Estados Unidos (EUA), primeiro contato com a maconha, comunidades negras e a prisão...

Um jovem que se constitui numa figura carimbada, polêmica, autoritária até. Machista e “fora da lei”. Literalmente.

O maior ritmista do nosso tempo, viajou aos EUA aos 17 anos com a passagem de ida e um endereço de contato. Lá aprendeu o inglês, o suingue e, preso, foi deportado ao Brasil. O homem que compôs letras fabulosas nas piores condições – emocionais e materiais – chegou de volta ao país fazendo ligações a cobrar...

“Mais grave! Mais agudo! Mais eco! Mais retorno! Mais tudo!”. O grito de guerra ainda ecoa nas festas, vivo nas canções de Tim Maia. Transgressor, amoroso e debochado, o cantor que gostava de se definir como “preto, gordo e cafajeste” se consagrou como um dos artistas mais queridos e respeitados da música brasileira, rei do “samba-soul”.

O livro, em capítulos cronologicamente divididos (vinculados ao peso de Tim em cada momento) relata, em detalhes, passagens, shows e o cotidiano de amores e brigas. Em um deles relata um período de sua vida morando de favor em apartamento de dois quartos no Rio de Janeiro. Cada quarto com um amigo e ele no sofá. Todas as noites festas, som e as visitas de belas meninas. De repente um evento leva os amigos a passarem um final de semana fora do Rio. Fica Tim com o apartamento. Passa em um dos quartos e vê uma bela foto de uma jovem a beira mar. Este o cenário da composição da letra Azul da Cor do Mar:

“Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir, tenho muito pra contar, dizer que aprendi. E na vida a gente tem que entender que um nasce prá sofrer, enquanto o outro ri. Mas, quem sofre sempre tem que procurar pelo menos vir achar razão para viver. E, na vida algum motivo prá sonhar, ter um sonho todo azul, azul da cor do mar...”

O autor – amigo, crítico e tiete de Tim – desliza pelo texto de forma que não gostaria de retirar a curiosidade do leitor em procurar o livro e devorá-lo, como fiz. Leia O Som e a Fúria de Tim Maia. Vale a pena, bem diferente do filme e da péssima versão da Rede Globo. Tim não foi exemplo de pessoa, foi um gênio musical.

SERVIÇO

Sobre o livro:

MOTTA, Nelson.

Vale Tudo: O Som e a Fúria de Tim Maia.

Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2007.

